

CULTURA JUVENIL: UMA REFLEXÃO SOBRE PRATICAS DE BULLING NA ESCOLA

Maria Regina Alves dos Reis/UEPB¹

Kaline Ferreira Costa/UEPB²

Patrícia Cristina de Aragão Araújo/UEPB³

A presente pesquisa faz parte do projeto de extensão em andamento intitulado “Culturas juvenil: Identidade, Representação e História na cultura escolar” que esta sendo desenvolvido na escola pública estadual Monsenhor José Borges de Carvalho na cidade de Alagoa Nova-PB, com turmas de ensino médio. , o mesmo tem como objetivo refletir e discutir questões referentes ao universo juvenil no contexto da escola. Nesse sentido discutiremos a problemática do Bulling a partir de suas vivências, bem como questões que norteiam seus cotidianos. O referido trabalho surge da necessidade de reflexão sobre a relação entre escola, juventude e sociedade. Nesse sentido nos propomos a discutir a cerca da diversidade cultural que se configura no contexto escolar considerando que para que possamos ter uma sociedade democrática, precisamos formar cidadãos críticos e para isso não podemos ignorar os encontros de culturas que se dão no espaço escolar. A discussão sobre multiculturalismo orienta-se pelo direito ao trato, ao convívio democrático em contextos marcados pela desigualdade e exclusão étnico-racial, social, geracional, de gênero, de religiosidade e orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros. Essa reflexão, já ocupa espaço destacado no cenário social e político do Brasil, precisa ocupar mais espaço na agenda educacional. O projeto cultura juvenil vem propor essa discussão para que os jovens sintam-se atraídos e incluídos pela escola.

Palavras-chave: Juventude. Escola. Cultura.

¹ Graduanda em História. Pesquisadora do PIBIC/CNPQ. E-mail: reginareishistoriadora@gmail.com

² Graduanda em História. Pesquisadora do PIBIC/CNPQ. E-mail: kferreiracosta@gmail.com

³ Professora de História UEPB. Doutora em Educação. E-mail: cristina-aragao21@hotmail.com

Esse projeto de extensão em andamento intitulado “Cultura juvenil: Identidade, Representação e História na cultura escolar” que está sendo desenvolvido na escola pública estadual Monsenhor José Borges de Carvalho na cidade de Alagoa Nova-PB, com turmas de ensino médio oportuniza aos educandos o acesso a informações, para que eles possam refletir e conhecer o fenômeno *Bullying*, bem como as terríveis conseqüências resultantes desse tipo de violência. Ao adquirirem conhecimento sobre as atitudes que desenvolvem o “comportamento *bullying*” e o que pode se fazer para evitá-lo, os alunos estarão transformando a escola, num lugar pacífico, estimulando o bom relacionamento no sistema educacional.

O *Bullying* começou a ser pesquisado na Europa, durante a década de 90, quando na Noruega descobriram o que estava resultando nas inúmeras tentativas de suicídio entre os adolescentes. A partir de então, foram realizadas inúmeras pesquisas e campanhas para reduzir os casos de comportamentos agressivos nas escolas. O *Bullying*, porém a definição universal trazida por alguns autores diz que:

[...] *Bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do “comportamento *bullying*” (Fante, 2005, p. 28 e 29).

A autora define o *Bullying* como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. (Fante, 2005, p. 29). Como não existe um só termo na Língua Portuguesa que seja capaz de manifestar todas as situações de *Bullying* possíveis de ocorrer, pontuamos algumas ações que podem estar presentes no fenômeno *Bullying*. São elas: colocar apelidos, ofender, gozar, encanar, sacanear, humilhar, aterrorizar, tyrannizar, fazer sofrer, discriminar, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, amedrontar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences, dominar, assediar, entre outras. O *Bullying* se

configura em diversos tipos de violência :violência física e sexual; violência verbal;violência psicológica; violência fatal.

Em um espaço permeado de contradições, onde se impõem políticas educacionais e projetos das mais diversas ordens, onde se questionam sobre os reais objetivos da escola, do papel do professor e do aluno, não se podem separar os problemas da educação dos problemas sociais. Apesar das diversas recomendações para a superação da prática docente convencional, presente na maioria das escolas existe questões culturais que demandam tempo e muito trabalho para serem alteradas no cotidiano das salas de aula. As relações com o imaginário e as representações políticas com a cultura escolar se mostram multifacetadas, expondo as ações dos sujeitos envolvidos na escola.

É necessário formar alunos/alunas multiculturais, usando sua excreção. Para uma sociedade também multicultural para assim atuar na sociedade livre de preconceito e sendo capazes de lutar contra as desigualdades cultural, sexista e política. (FOSECA, 2005, p.10)

A compreensão do processo de socialização dos jovens e de suas culturas pode contribuir para o diálogo intergeracional que se configura no cotidiano escolar. Parto do princípio de que muitos dos problemas que os educadores enfrentam nas muitas salas de aula e espaços escolares deste país com os jovens alunos têm origem em incompreensões sobre os contextos não escolares, os cotidianos e os históricos mais amplos, em que esses estão imersos. Dito de outra forma torna se cada vez mais improvável que consigamos compreender os processos sociais educativos escolares se não nos apropriarmos dos processos mais amplos de socialização desses sujeitos como enfatiza. Gomes (2008, p.70)

Em qualquer sociedade, a construção da diversidade assume contornos diferentes de acordo com o processo histórico, relação de poder, imaginários, práticas de exclusão e inclusão que incidem sobre os diferentes sujeitos e grupos. Nesse sentido, é preciso compreender os processos históricos e culturais singulares vividos por esses grupos no contexto das desigualdades e como esses nem sempre são considerados lutam pela construção da democracia.

A inserção da proposta multicultural nas políticas educacionais nos currículos, nas práticas pedagógicas e na formação docente implica compreender agir e pensar como superar as relações históricas, políticas, sociais, culturais, religiosas que desencadeiam a falta de alteridade a exemplo de fenômenos como: discriminação, etnocentrismo, racismo, sexismo, homofobia e xenofobia.

Nesse sentido é preciso refletir a cerca da diversidade cultural que se configura no contexto escolar considerando que para que possamos ter uma sociedade democrática, precisamos formar cidadãos críticos e para isso não podemos ignorar os encontros de culturas que se dão no espaço escolar.

A valorização da diversidade está implicitamente ligada à composição de estratégias nas quais os grupos humanos e sociais diferentes passaram a destacar politicamente as suas singularidades e identidades, cobrando tratamento justo, com equidade, desmistificando a idéia de inferioridade que paira sobre as diferenças, social e culturalmente construída. Esses grupos questionam as políticas de inclusão, buscando superar a visão assistencialista que recai sobre elas, reivindicando a adoção de políticas afirmativas, objetivando garantir o respeito às diferenças.

Nesse sentido, Pereira (2002) acrescenta que A educação e a cultura deveriam tender a eliminar as formas agressivas de resolução de tensões que provocam as diferenças individuais. A educação deveria valorizar e promover os comportamentos de empatia, a negociação verbal, o intercâmbio de ideias, a cedência de ambas as partes na procura da justiça, no direito à igualdade de oportunidades para todos e no direito às diferenças de cada um. Educar para a liberdade com igualdade de direitos e obrigações em que os direitos de um determinam onde começam os direitos dos outros (p. 11).

E necessário que a escola ensine seus alunos a respeitar as diferenças, trabalhando a prática de valores, será possível criar um ambiente sadio para os mesmos. Dessa forma, a instituição de ensino amenizará os conflitos que podem resultar na prática do *Bullying*. Os alunos vitimizados pelo “comportamento *bullying*”, podem sofrer por muitos anos, no ambiente escolar, sem que o educador perceba o que está acontecendo. Portanto, é de suma importância que as escolas tenham consciência de que esse

fenômeno existe, e que devem ser tomadas medidas urgentes, para evitar e tratar essas manifestações, as quais são, também, responsáveis pelo comportamento agressivo existente entre os alunos.

Fante enfatiza então, que a instituição de ensino, precisa prevenir o “fenômeno violência” que está acontecendo no ambiente escolar, impedindo o seu crescimento.

[...] Entretanto, para que isso aconteça, seus profissionais devem ser capacitados para atuar na melhoria do ambiente escolar e das relações interpessoais, promovendo a solidariedade, a tolerância e o respeito às características individuais, utilizando estratégias adequadas à realidade educacional que envolve toda a comunidade escolar.
(Fante, 2005, p. 169).

Na concepção de (CHARTIER), 1991 para decifrar de outro modo as sociedades e os sujeitos nela inseridos, deve-se penetrar nos meandros das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas, temas e conceitos) e considerar que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles.

A discussão sobre multiculturalismo orienta-se pelo direito ao trato, ao convívio democrático em contextos marcados pela desigualdade e exclusão étnico-racial, social, geracional, de gênero, de religiosidade e orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros. Essa reflexão, já ocupa espaço destacado no cenário social e político do Brasil, precisa ocupar mais espaço na agenda educacional.

Nessa perspectiva consideramos que muitos dos conflitos entre os jovens são provocados pelas dificuldades de tradução dos sinais que não conseguimos decifrar. Há, portanto, uma crise de sentidos entre jovens, instituições e sujeitos adultos. As instituições parecem não perceber que não se pode educar ou negociar na ausência de uma linguagem em comum. É necessário prender a trabalhar com as experiências prévias dos jovens alunos é compreender que estes são sujeitos culturais e portadores de biografias originais e não apenas alunos de uma dada instituição.

Nesse sentido vale ressaltar que as instituições escolares parecem não perceber que não se pode educar ou negociar na ausência de uma linguagem em comum. Faz-se necessário prender a trabalhar com as experiências prévias dos jovens alunos é compreender que estes são sujeitos culturais e portadores de biografias originais e não apenas alunos de uma dada instituição.

A experiência do meio sociocultural que envolve os grupos sociais nos quais está inserido e da sua apreensão da realidade vivida na medida em que é envolvido nas discussões sobre o conhecimento histórico trabalhado na sala de aula, facilita o processo de ensino aprendizagem. As práticas culturais vistas na dimensão da cultura escolar, de representações e de imaginário ajudam na compreensão da complexidade das relações presentes na escola.

Segundo Rodrigues (1996) Uma Escola Democrática é aquela que compreende e permite o conflito, favorece o conhecimento multicultural, e que é capaz de administrá-lo. Nesse sentido, não se limitam ou eliminam as diferenças existentes, mas é aquela que permite a manifestação dos vários confrontos e embates existentes na sociedade atual.

Nesse sentido se faz necessário uma reflexão, nossas escolas estão preparadas para esse debate multicultural? Os conflitos são muitos. Temos uma escola democrática que prepara criticamente o cidadão? Ou o modelo educacional que temos não acompanhou a trajetória de mudança dos paradigmas sociais? É desesperador quando encontramos realidades em sala de aula ao qual o professor não sabe como lidar, como atuar. O exemplo disso se evidencia no desrespeito para com colegas de sala e com o próprio professor.

Qual seria a causa de tal conflito e como superá-lo? Sem dúvida essas são indagações que muitos educadores se fazem. Tal realidade vem desanimando alguns profissionais que foram perdendo o entusiasmo e o orgulho em ser professor. São questões para nos professores e futuros professores refletirmos e buscarmos maneiras de modificar, transformar essa problemática cada dia mais recorrente. São indagações que ora inquietam e que muitos pesquisadores da temática deixam-nos a reflexão: que podemos fazer? Parece-nos que a escola vive um momento de tensão, um cenário de conflitos e de atos violentos.

A instituição escola desloca a “culpa” pelas práticas agressivas e violentas entre os alunos e os professores, para a instituição família. Vemos, assim, uma disparidade, uma ausência de reconhecimento que efetivem o desejo de chamar para o diálogo outros espaços de socialização do sujeito. É pertinente que os professores e os alunos reencontrem seus papéis. Constituir-se professor/a exige autoridade que assim façamos. É urgente recuperarmos nossos referenciais em educação. A escola e a família têm seus papéis a cumprir. Por que continuamos a procurar culpados pelos conflitos existentes entre ambas?

O jovem chega à sala de aula com todo o seu aparato bio-sócio-psíquico disponível, embora de forma indefinida: seus grupos, seus anseios e ensaios, seu vocabulário, seu alforje cheio de desejos recalcados ou proibidos, seus espaços e momentos fantasmáticos e, ainda, seu corpo crepitante, tudo está ali às ordens! Mas como acionar este aparato se não há espaços curriculares disponíveis? Como dar passagem às iniciativas? Como construir autonomia se somente há espaço para disciplina, controle e aprendizagem programada?(CARNEIRO, 2001, p. 15)

Consideramos que os determinantes para atos violentos no espaço escolar são múltiplos. Nesse sentido propomos alguns: há os que se referem a características do indivíduo (constituição genética, sexo, idade, etnia, história de vida, dinâmica familiar), os que se referem às características da instituição escolar (localização, instalações físicas, recursos humanos disponíveis, método de ensino empregado, ideologias predominantes, histórico da instituição, etc.) e os que envolvem aspectos da sociedade na qual a instituição escolar se insere (democrática ou não, com maior ou menor desigualdade socioeconômica, com ou sem igualdade de gênero e de etnia, entre outras).

Somos sujeitos de um tempo em que o cenário cultural no qual estamos inseridos, apresenta-nos outros espaços. Como argumenta Bauman (2003), vivemos um tempo caracterizado pela efemeridade, pelo descartável, pelo transitório, onde nossas identidades sofrem processos de flutuação constante. Dessa forma, a fluidez acerca da sociedade contemporânea é pertinente para repensarmos de onde vêm nossos meninos e nossas meninas.

A “modernidade líquida”, apresentada por Bauman (2003), faz com que repensemos a condição da vida dentro do espaço contemporâneo, no qual estamos submersos, metamorfoseando a subjetividade, os anseios e os desejos da vida humana. O professor se depara com essa fluidez dos valores sociais na sala de aula, e muitas vezes fica no conflito não enxergando as possibilidades.

Portanto é preciso que a escola se coloque como mediadora dessas relações culturais entre os diferentes mundos vividos pelos jovens. As culturas juvenis, entendidas como conjunto heterogêneo de expressões e práticas socioculturais que são narrativas que falam do profundo mal-estar que é ser jovem numa sociedade produtora de riscos e incertezas.

O professor deve estar preparado para atuar em um campo de tensões e contradições, tendo em vista que a diferença é uma construção histórica fortalecida pela cultura, poder e ideologia. Ao assumir o desafio da proposta multiculturalista o docente interfere em um projeto social, cultural, institucional, hegemônico vigente, esta é a base na qual as diferenças são geradas. É preciso que se estabeleçam ações pedagógicas concretas de transformação do sistema educacional público em um sistema inclusivo, democrático e aberto à diversidade.

Para viver em um mundo multicultural, é preciso exercitar a capacidade de conviver com o diferente, de se proporcionar um olhar a partir das diferenças, significa reconhecer o outro como sujeito de iguais direitos, essa constatação das diferenças é o que gera a alteridade. Pensar essas questões é pensar e problematizar o cotidiano da prática docente que se configura em meio a conflitos e possibilidades. Esse é um exercício de todo dia.

REFERENCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da educação. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARNEIRO, Moacir Alves. Os Projetos Juvenis na Escola de Ensino Médio. Brasília, DF: Instituto Interdisciplinar, 2001.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying – Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª edição. Campinas SP: Veros Editora, 2005.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: Desafios colocados pela implementação da lei 10.639/2003. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RODRIGUES, Neidson. Da mistificação á escola Necessária. 7ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. Para uma Escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.